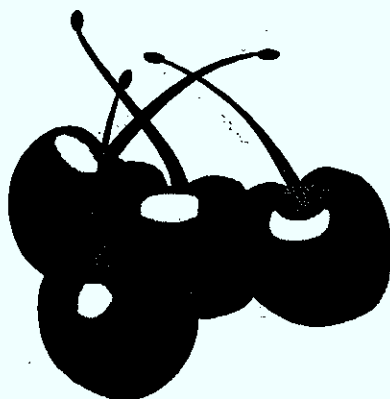


A Cerejeira na Cova da Beira

Maria de Lurdes Martins de Carvalho*; Maria João R. Marcelino**



Pela necessidade de reconversão varietal do pomar de cerejeira na Cova da Beira, tentou-se numa 1ª fase fazer o levantamento da situação actual através da realização de um inquérito aos produtores, para que de um diagnóstico correcto resultasse uma microzonagem da região como ponto de partida. Numa 2ª fase tenta-se introduzir no pomar já existente, novas técnicas culturais, como a poda e a rega por exemplo, para que simultaneamente com a execução da experimentação de novos porta-enxertos e cultivares, se possa atingir "conscientemente" a 3ª fase, a da replantação.

A cerejeira ocupa em Portugal zonas de produção perfeitamente delimitadas, quer pela quantidade de frio durante o Inverno, quer por condições climáticas amenas durante a Primavera. De entre estas zonas destaca-se Penajóia, junto ao Douro, onde esta espécie ocupa áreas limítrofes de produção do vinho do Porto, e a Cova da Beira. Alenquer, Portalegre, Montes da Senhora, no concelho de Proença-a-Nova e algumas freguesias em concelhos do distrito da Guarda complementam as zonas de produção em Portugal.

Segundo Silva e Mansinho (1990), a cerejeira é uma das espécies fruteiras criófilas mais exigentes em frio. Por este motivo a sua produção limita-se às

regiões a Norte da linha Ferreira do Zêzere-Castelo Branco (Fig. 1).

Mesmo dentro das zonas de produção, a exposição das parcelas do pomar não é indiferente, devido às subidas da temperatura e dos níveis de luminosidade na Primavera (Saraiva, 1992). Na Cova da Beira, são as freguesias em plena serra da Gardunha e na sua borda, que apresentam maior densidade de cerejeiras.

É nas freguesias em plena serra da Gardunha, que esta espécie se desenvolve vegetativamente nas melhores condições, embora apareça mais ou menos dispersa em quase todas as freguesias da Cova da Beira.

Relativamente à produtividade apresentada, e embora dependente das técnicas culturais e da fertilidade do terreno, a relação desta com a localização do pomar, já não se torna tão evidente.

De um inquérito que tem vindo a ser realizado a todos os produtores de cereja desta zona, enquadrado no projecto de investigação em curso desde 1986, e incluído no programa Ciência, pudemos avaliar alguns parâmetros que nos permitem caracterizar a situação actual do cerejal na Cova da Beira.

1. Número de produtores

Baseados numa primeira fase em dados fornecidos pelas cooperativas, pelas associações de produtores, pelas juntas de freguesia e por outras entidades oficiais,

e contactando numa segunda fase, directamente, os potenciais produtores em cada freguesia, identificámos, até esta data, um total de 441 produtores repartidos por diferentes freguesias, dos quais cerca de 85% foram já inquiridos, estando ainda em curso a visita aos restantes produtores (Tab. 1).

As freguesias que apresentam maior número de produtores identificados são, por ordem decrescente, Alcongosta (53), Alcaide (43), Ferro (35), Alpedrinha (28) e Fundão (20).

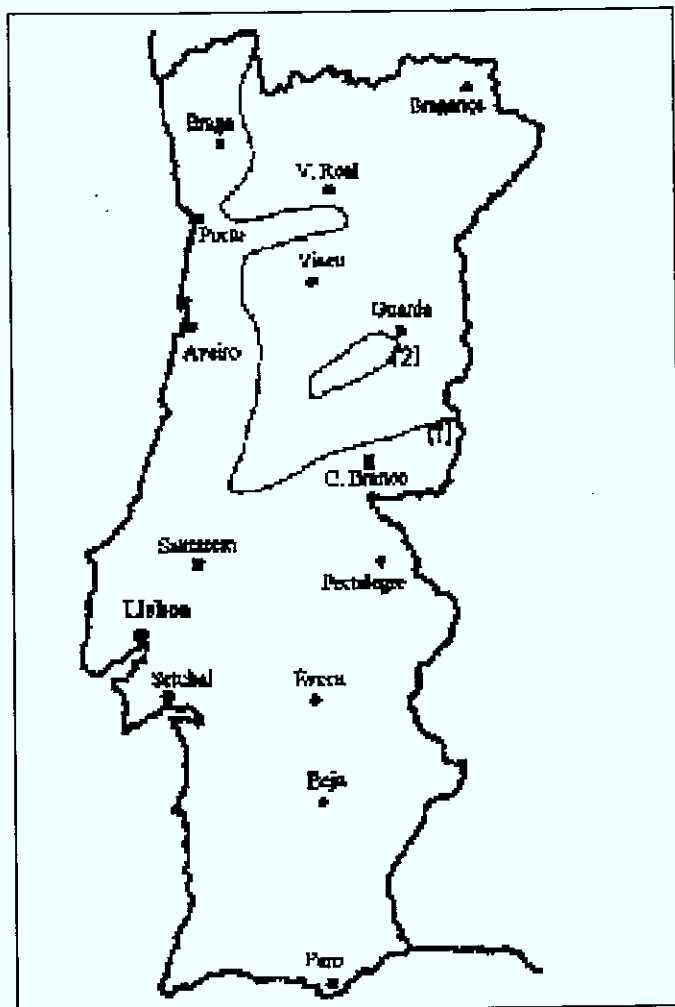


Fig.1 - Distribuição das isotérmicas da temperatura média $<7.2^{\circ}\text{C}</math>: (1) isotérmica das 1000 horas; (2) isotérmica das 2000 horas. Adaptado de Silva e Mansinho, (1990)$

1.1. Número de explorações

O número de explorações, bem como os outros parâmetros que serão mencionados, é referente exclusivamente aos produtores inquiridos (Tab. 1).

Verificamos que o número de parcelas é bastante superior ao número de produtores inquiridos (446) uma vez que na maioria das freguesias as empresas agrícolas se encontram bastante pulverizadas, englobando duas ou mais parcelas, designadas por "chãos" (Tab. 1). Este fenómeno é mais acentuado nas freguesias localizadas em plena serra ou nas suas encostas.

1.2. Área ocupada pela cerejeira

A área realmente ocupada pela cerejeira em cada freguesia e no total das 42 freguesias é de difícil estimativa. Os fruticultores desconhecem muitas vezes a área das suas explorações e a percentagem ocupada pela cerejeira em cada uma delas, cometendo noutros casos erros de estimativa ao avaliá-la. A avaliação correcta da área está a ser realizada por fotointerpretação nas principais freguesias.

Actualmente ao total dos produtores inquiridos (85%), corresponde uma área de 916.904 ha (Tab. 1). Este valor não coincide com os 1 500 a 1 900 ha mencionados por outros autores (Delgado e Brás, 1992), talvez porque como eles próprios referem, a sua estimativa se baseia na quantidade da produção e não na identificação das áreas de produção. Pensamos que a área real ocupada pelo pomar de cerejeira na Cova da Beira se situa entre os 900 e os 1 200 ha.

Tab. 1 - Nº de produtores, identificados e inquiridos, nº de explorações e de parcelas e área de pomar de cerejeira na Cova da Beira.

Nº de Produtores Identificados	Nº de Inquir.	Nº de explora.	Área Cerejeira parcelas (ha)	
441	372	372	446	916.904

Apesar de cerca de 70 % dos pomares serem estremes a consociação com outras espécies fruteiras, vinha e pessegueiro, ou hortícolas é outra dificuldade apresentada na estimativa da área de cerejeal.

A maior área corresponde à freguesia de Alcongosta, com 208.457 ha, seguida do Alcaide com 151.628 ha.

Outro tipo de fruticultor não contabilizado é o pequeno produtor de cereja, que possui 2, 3 ou meia dúzia de árvores, normalmente nos quintais ou hortas, que não é só por si capaz de comercializar o excedente do autoconsumo, mas que em conjunto com os outros produtores da freguesia nas mesmas condições, produzem em cada ano algumas toneladas de cereja. Estas são normalmente escoadas pelos intermediários, que se deslocam a cada freguesia, para a recolha da produção. Nesta situação encontram-se as freguesias das Donas, Casegas, Valverde, e tantas outras, onde cada habitante é produtor, e por vezes dedicando-se também à comercialização directa no mercado local mais próximo, Covilhã, Castelo Branco ou Fundão.

A área ocupada pelas árvores destes produtores "artesanais", também não está contabilizada.

1.3. Área média do pomar de cerejeira

Outro aspecto avaliado foi a dimensão média da exploração por freguesia e no total das freguesias.

Os valores variam desde os 7.9 ha na Aldeia Nova do Cabo, aos 3.7 ha no Alcaide, aos 4 ha em Alcongosta, até aos 0.2 ha em Vale Formoso. A área média é de 2.05 ha por parcela e 2.47 ha por exploração, no total dos produtores das freguesias inquiridas. Claro que estes valores correspondem à média, podendo diluir áreas significativamente superiores ou inferiores. No Tab. 2 apresenta-se o número de explorações por

classes de área em cada freguesia, que traduzem a situação real com maior precisão.

A maior área (234.2 ha) situa-se na classe de explorações entre os 2 e os 5 ha, seguida da classe entre os 5 e os 10 ha (193.25 ha).

No entanto o maior número de explorações está incluído na classe de área entre os 0 e 1 ha (212) seguida de 86 explorações com uma área entre 1 e 2 ha. Aliás, ao acréscimo na classe de área corresponde um decréscimo no número de explorações aí incluídas.

Como estes dados não correspondem à totalidade dos pomares existentes é natural que existam ainda mais explorações com as dimensões acima mencionadas. De qualquer forma pode-se desde já concluir que o pomar da zona é de dimensões reduzidas, o que à partida dificulta a mecanização das operações culturais nele efectuadas.

Tab. 2 - Distribuição das explorações por classe de área

Classes de área	Área (ha)	Nº de explorações
0 - 1	130.2	212
2 - 4	157.8	86
5 - 15	234.2	64
16 - 25	193.3	25
>25	199.5	8

Este facto é devido na maioria dos casos à localização das parcelas em plena serra da Gardunha, associada à grande pulverização da propriedade nesta região.

1.4 Idade do pomar

A maioria dos pomares de cerejeira (60%) encontra-se com idade entre os 5 e os 15 anos, ou seja, foram plantados entre 1977 e 1987 (Fig. 2).

Nesta situação encontra-se a freguesia de Alcongosta, em que 35% dos pomares tem entre 5 a 15 anos, estando os restantes distribuídos entre os 16 a 25 anos (35%), 17% com idade superior a 25 anos e só 8% com menos de 5 anos, em que 3.7% (3 expl.) correspondem a novas plantações em 1992 e 1993 (Tab. 3). Idêntica situação ocorre no Alcaide, apresentando as restantes freguesias comportamento semelhante.

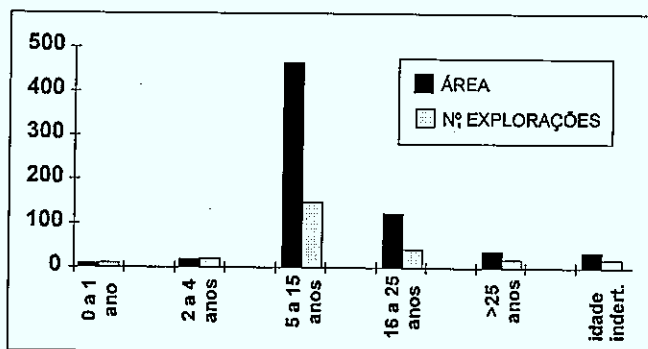


Fig. 2 - Distribuição da área e do nº de explorações por classe de idade.

Apesar da ideia generalizada de que a área de pomar de cerejeira aumentou muito nos últimos anos na Gardunha, parece não haver correspondência com os resultados obtidos através do inquérito (Tab. 3). A razão para tal deve-se possivelmente a que estas novas plantações (23 no total das freguesias inquiridas) não passam de pequeníssimas parcelas em plena serra, que chamam a atenção dos visitantes pela sua armação em socalcos e pela beleza da sua floração.

Tab. 3 - Distribuição da área e nº de explorações por classes de idade

Classes de idade (anos)	Área (ha)	Nº de explorações
0 - 1	40.9	23
2 - 4	61.8	46
5 - 15	573.1	265
16 - 25	149.5	83
> 25	52.2	41

Cultivares e porta-enxertos existentes

Embora uma parte dos produtores desconheça as cultivares que tem implantadas, a maioria identifica-as por vezes através de designações locais.

A cultivar mais representativa da zona é, quer relativamente ao número de explorações onde se encontra plantada (358), quer ao nº de freguesias onde aparece (32), quer ainda relativamente à área ocupada, a 'De Saco'. Seguida pela 'Napoleão Pé Comprido' (207expl./27 freg.) e pela 'Mirandela Roxa' com implantação em 180 explorações distribuídas por 21 freguesias (Tab. 4).

Das cvs. estrangeiras que aparecem nesta região a 'B. Burlat' ocupa o primeiro lugar tanto no número de freguesias (33) como no de explorações (315) em que se encontra implantada, seguindo-se em expansão à 'De Saco'. As outras cvs. mais importantes são a 'B. Hedelfingen' (94 expl./21 freg.), a de indústria 'B. Napoleon' (73 expl./21 freg.), a 'B. Windsor' (75 expl./26 freg.), e a 'B. Van' (57 expl./21 freg.).

A sinonímia que aparece na zona não facilita a identificação das cvs. existentes. A 'B. Windsor' é vulgarmente designada como 'Mirandela' por ter sido trazida desta região de Trás-os-Montes, criando alguma confusão quando se fala na 'Mirandela Roxa', que apresenta um porte, época de floração e maturação, e características do fruto perfeitamente distintas da 'B. Windsor'. A cv. 'Maringá' pensa-se poder ser a cv. 'Bing', devido à época de maturação tardia que esta apresenta (Esteban, 1991), e às histórias locais que se contam, apresentando a 'Bing', nas últimas plantações das freguesias do Alcaide e Alcongosta, alguma implantação.

De todas as cultivares regionais as que apresentam interesse cultural e comercial são a 'De Saco', que os técnicos e produtores italianos nas 1ª Jornadas da Cereja realizada em 1987 no Fundão, acharam semelhante à 'Duroni 3'; e a 'Napoleão Pé Curto', que apesar do

fruto de bom calibre, pedúnculo curto e dureza da polpa, muito semelhante à 'B. Moreau', mostra irregularidades de produção de ano para ano. Todas as outras não apresentam valor comercial, porque são sensíveis ou ao transporte ou ao rachamento fisiológico, fenómeno muito vulgar nos frutos desta espécie em Primaveras chuvosas. Por estes motivos estão a ser lentamente abandonadas e substituídas por outras com maior facilidade de colocação. A sua presença está praticamente limitada aos pomares mais antigos.

No presente ano, devido às elevadas precipitações ocorridas durante a maturação, verificou-se o rachamento e posterior apodrecimento da maioria das variedades de cereja, mesmo naquelas ainda não completamente maduras, com excepção da 'Mirandela Roxa' e da 'De Saco', que apresentaram menor sensibilidade ao rachamento, nomeadamente nos pomares situados em freguesias de maturação mais tardia, como Alcongosta.

O porta-enxerto utilizado em 90% dos casos é o bravo, *Prunus avium* silvestre, que normalmente é adquirido no mercado a algum viveirista local, que obtém as plantas através da sementeira de caroços de cerejeiras bravas que estão dispersas na serra.

A certificação do material vegetativo utilizado nas plantações, desde o porta-enxerto aos ramos usados como garfos ou para retirar borbulhas, é inexistente. Muitos dos problemas fitossanitários da cerejeira nesta zona terão origem na aquisição descuidada do material de propagação.

A maioria dos produtores desconhece a existência de outros porta-enxertos, nomeadamente com características ananicas e de mais fácil condução.

De todos os produtores inquiridos só 5% utilizaram outros porta-enxertos como o SL-64 (*P. mahaleb*) ou o Colt (*P. avium* × *P. cerasus*). Os restantes 5% desconhecem o porta-enxerto utilizado (o qual será concerteza o bravo, *P. avium* silvestre).

Condições de implantação dos pomares

Dos produtores inquiridos concluímos que, nas plantações mais antigas, a preparação do terreno consistia na surriba com mobilizações mais superficiais do solo antes da plantação e que simultaneamente incorporavam os correctivos.

As aplicações de adubos e correctivos são feitas geralmente sem a realização de análises de solo (77% dos produtores), baseadas na disponibilidade de recursos financeiros ou de tempo.

A maioria dos pomares situados nas freguesias em plena serra apresentam-se armados em socialcos devido ao declive do terreno (70%). Nas freguesias a Norte da serra da Gardunha, pelo contrário, a maioria dos pomares (77%) encontram-se em terreno plano.

A plantação dos porta-enxertos, a um compasso variável com a armação do terreno (desde 2.5x6 até 7x8), é seguida de enxertia, em local definitivo, de borbulha ou "olho" dormente em Agosto.

A aquisição das cerejeiras já enxertadas de viveiro e com escolha do porta-enxerto só se verificou em 13% de produtores.

Normalmente não é feito o planeamento das cvs. segundo um esquema de compatibilidade de polinização (93%), nem atendendo à época de maturação (86%). Sendo a cerejeira uma das espécies fruteiras de maior grau de auto e inter-incompatibilidade (Breton, 1980), esta falha na plantação fica um pouco diluída pela proximidade dos diferentes pomares, bem como pela mistura de cvs. existente em cada pomar que facilita a inter-polinização.

1.5. Condução do pomar

Uma vez que a cerejeira é considerada como espécie marginal, tanto no país em geral como na região em particular, a atenção dispensada a esta cultura em termos de cuidados e de técnicas culturais foi sempre reduzida. Actualmente, assiste-se à intensificação da cultura, com introdução de novos sistemas de rega localizada, abandonando um pouco a ideia de que por ser de frutificação temporã dispensa a rega.

Também ao contrário da ideia generalizada por outros autores (Coelho, 1988), a adubação e a estrumação dos pomares (91%) são técnicas vulgarizadas na zona. A regularidade das correcções é variável, podendo ser anual ou bienal no caso da aplicação dos adubos, normalmente compostos e azotados, e de 3 em 3 ou de 4 em 4 anos, no caso da estrumação.

O aspecto cultural mais descuidado relaciona-se com a poda. A maioria dos produtores associa a esta um desequilíbrio vegetativo que se traduz no aparecimento de gomose. Na realidade esta espécie reage mal aos cortes efectuados durante a fase de repouso invernal, facilitando o aparecimento de doenças, essencialmente bacterioses (*Pseudomonas syringae*, var. *morsprunorum* e *cerasus*), pela penetração através dos cortes da poda. As intervenções nas árvores resumem-se à supressão das pernadas secas ou doentes (95% dos pomares).

Mais recentemente, os produtores locais possuidores de formação técnica ou de espírito inovador, à semelhança dos produtores franceses (Edin, 1993), estão a introduzir na zona técnicas de poda que facilitem as operações culturais realizadas no pomar, especialmente a colheita, rebaixando a copa e aumentando as zonas de penetração de luz. O aumento de produtividade associado à redução dos gastos com mão-de-obra na colheita bem como o aumento do calibre, justificam plenamente esta intervenção.

A maioria das cerejeiras (98% das explorações) estão conduzidas livremente, só tendo sido eventualmente podadas nos primeiros anos de plantação. 5% dos produtores conduzem os seus pomares em vaso, embora destes a maioria só tenha efectuado poda na fase de formação da árvore.

Novos sistemas de condução do pomar, incluindo rega localizada, cobertura de solo com plástico, novos porta-enxertos e cvs., e condução das árvores em formas baixas (tipo "mesa" e vaso "multi-branches"), estão já a ser utilizadas por um produtor da região, nas freguesias da Soalheira e de Castelo Novo.

1.6. Aspectos fitossanitários do pomar

Por volta de 1972 foram plantados nesta zona os primeiros pomares estromes de cerejeira, usando material

vegetativo directamente importado de França, e que passados alguns anos revelou os primeiros sintomas de um fenómeno designado por depercimento, que já se tinha manifestado nesse país (Fos, 1980). Depois de diversos estudos, este problema está longe de estar identificado, sendo apontadas, como aliás ocorreu em França (Fos, 1980), diversas causas, variáveis com o pomar (Wohanka, 1985).

Este problema tem provocado a morte parcial ou total de árvores, atingindo mais os pomares localizados em freguesias limítrofes da cultura.

De uma maneira geral, as condições fitossanitárias estão controladas, realizando os produtores tratamentos preventivos e curativos com regularidade, essencialmente cúpricos à queda da folha e na Primavera, e insecticidas para controle da mosca da cereja (*Rhagoletis cerasi*) e do pioelho (*Myzus cerasi*) no final da Primavera, e acaricidas para controle da acarofauna (*Brevipalpus pulcher*, *Aculus tockeui*, *Aculops* sp., *Orthotydeus californicus* e *Tydeus* sp.) (Luz, 1992).

1.7. Colheita e comercialização

O principal problema apontado pela maioria dos produtores relaciona-se com a colheita e a comercialização das cerejas. Sendo um fruto frágil facilmente sujeito a traumatismos e rachamento, tem de ser colhido com precaução até para não haver quebra dos esporões, o que originaria grave diminuição na produção do ano seguinte.

A colheita é feita com recurso à mão-de-obra familiar nas explorações de pequenas dimensões (50% das explorações inquiridas) e/ou assalariada, eventual na maioria dos pomares (90%). A maturação ocorre de fins de Maio, na encosta Sul da Gardunha, até fim de Julho, nas freguesias mais frias a Norte desta (Carvalho, 1994). Esta técnica cultural é feita com recurso a auxiliares de colheita, escadas e escadotes normalmente (99%) ou de plataformas, devido à excessiva altura que as cerejeiras adquirem na maioria das freguesias.

Nalgumas explorações é feita uma pré-selecção e calibragem no pomar mas (geralmente 90%) só é escolhida a que está podre ou tocada, sendo vendida a intermediários que procedem ao seu acondicionamento após selecção e calibragem.

Estes aspectos têm sofrido nos últimos anos alterações com a normalização do fruto. A capacidade da embalagem, bem como o material de que é feita, modificou-se apresentando-se esta normalmente de cartão ou de madeira com 10 a 13 kg. Alternativamente verificou-se o acondicionamento em tabuleiros de cartão com capacidade para 5 kg de cereja, processo só utilizado por uma minoria de grandes produtores.

O facto da cereja ser muito sensível ao manuseamento tem obrigado os produtores a seleccionar, a calibrar e a acondicioná-la no próprio pomar ou em cooperativas e associações de produtores onde estes trabalhos são facilitados. Alguns produtores têm tentado proceder à selecção, à calibragem, ao acondicionamento e à expedição directa da cereja já embalada.

A tentativa de utilização de calibrador no pomar tem sido investigada entre nós, mas até ao momento não existe nenhum calibrador que se possa utilizar nessa situação. Mesmo nas cooperativas e nas associações de produtores nem sempre estes são utilizados, sendo a calibragem feita manualmente. Nos Estados Unidos e Canadá contudo, existem calibradores de cereja deslocáveis ao pomar e que são utilizados para fruto fresco sem este ser danificado nem o pedúnculo retirado (Cuxac *et al.*, 1987).

A exportação deste fruto nos anos de 1992 e de 1994 para Espanha e França foi realizado com sucesso, inclusive para zonas francesas produtoras como Montauban, tendo sido já efectuada pré-refrigeração por "hidrocooling" antes da expedição, técnica muito divulgada nos Estados Unidos (Cuxac *et al.*, 1987).

1.8. Normalização da cereja

Resumidamente, as normas de qualidade para a cereja são as seguintes (IQA, 1992):

Categoria "Extra"	- ≥ 20 mm; de qualidade superior.
Categoria I	- ≥ 17 mm; de boa qualidade.
Categoria II	- ≥ 17 mm; com as características mínimas da variedade.
Categoria III	- ≥ 15 mm; com as características idênticas à categoria II.

A normalização exige ainda que haja homogeneidade de origem, de variedade e de estado de maturação. São admitidas tolerâncias, tanto menores quanto maior for o escalão da categoria. O acondicionamento deve garantir uma protecção conveniente da cereja, utilizando embalagens cujo interior deve ser novo, limpo para não causar danos internos ou externos ao fruto.

Na exportação deste fruto existe o regulamento 866/90 no âmbito do PDR, que subsidia as associações de produtores que pretendam efectuar o seu acondicionamento segundo as normas acima referidas.

1.9. Produções

A maior dificuldade na resposta aos inquéritos relaciona-se com a obtenção das produções unitárias. No entanto, dos poucos valores obtidos podemos afirmar que a média por ha se situa entre as 3 e as 5.5 t, variando pouco com as cv. ou com as freguesias. Este valor é muito distante do obtido por outros países produtores como a França, Itália ou Estados Unidos (varia entre as 15 e as 30 t/ha consoante as variedades). A este valor corresponde uma produção anual para a zona de 2 700 t a 6 500 t, não muito distante do total comercializado em 1992 em toda a Beira Interior, 6 750 t (IMAIA, 1993).

Claro que as flutuações anuais de produção e de comercialização são muito significativas. Como exemplo está o ano de 1992, em que mais de 50% da produção não foi sequer colhida, muito menos comercializada, dado que associada à simultaneidade da maturação das variedades de cereja, choveu, provocando o rachamento e o apodrecimento de grande parte dos frutos. Idêntica

situação se verificou no presente ano frutícola (1996), em que os prejuízos ultrapassaram os 70 a 80% da produção.

A produção por árvore depende muito da sua estatura, verificando-se que, em freguesias em que esta espécie aparece dispersa em todos os quintais, chega a atingir produções da ordem dos 100 kg por cerejeira. Num pomar normalmente esta produção não ultrapassa os 25 a 30 kg por árvore.

Ainda em plena produção (60% com 5 a 15 anos) o pomar da zona não se encontra envelhecido. No entanto, como acima referimos, da análise dos inquéritos constatámos baixa produtividade dos pomares, associada a fraca qualidade do fruto (calibre e coloração), talvez consequência da desactualização das cultivares implantadas e dos porta-enxertos usados.

Responsáveis por esta situação são também, sem dúvida, as más condições de implantação do pomar, associadas a uma deficiente condução do mesmo, provocando quebras de produção e envelhecimento precoce destes.

1.10. Apoios financeiros à cultura

Segundo dados fornecidos pelo IFADAP o montante de investimento financiado ao abrigo do regulamento 797/85, desde 1987 até 1993, foi de 68 649.8 milhares de escudos para toda a Cova da Beira. Na Tab. 4 está a distribuição do montante por concelhos.

Quanto às novas plantações ao abrigo do projecto Novagri (Programa Nacional de Apoio à reestruturação e Inovação no Sector Agrícola), estas abrangem 45.5 ha na Cova da Beira em 1992 e 1993 (DRABI, 1994).

Os apoios financeiros à cultura são indispensáveis devido aos elevados custos de instalação do hectare : 2.020 a 2.440 milhares de escudos, utilizando tecnologia "de ponta"; 1.160 a 1.580 milhares de escudos, utilizando tecnologia "normal" (inclui rega automatizada, fertirrigação e armação do terreno), (IFADAP, 1994).

Tab. 4 - Montantes de investimento (em milhares de escudos) financiados pelo IFADAP para plantação de cerejeiras na Cova da Beira, por concelhos (IFADAP, 1994)

Concelho \ Ano	Castelo Branco	Covilhã	Fundão	Belmonte
1987	-	1 231	2 807	-
1988	-	537	13 323.4	533.6
1989	-	8 129	2 400	-
1990	1 500	315	-	2 565
1991	-	2 600	10 745	347
1992	-	3 171	15 730	-
1993	-	1 420	2 363	-
Total	1 500	17 403	47 368.4	2 378.4

1.11. Reconversão do pomar

Para a correcta reconversão do pomar nesta região, que implica a utilização de novos porta-enxertos de características mais ananicas e de cultivares de calibre e características organolépticas mais comercializáveis, propõem-se três fases de implementação:

- numa 1ª fase deverá ser realizada a microzonagem da potencial produção;
- numa 2ª fase, paralelamente com a introdução de novas técnicas culturais para o cerejal local (como poda, rega, correcta melhoria da fertilidade do solo), decorrerá a experimentação de novos porta-enxertos e cultivares que se pense interessarem à região;
- por fim, numa 3ª fase decorrerá a implantação dos pomares com os simbiontes resultantes da enxertia das cultivares sobre os novos porta-enxertos, melhor adaptados a cada microzona, prevendo um escalonamento de maturação, quer no próprio pomar, quer a nível da região.

A sequência deste projecto de reconversão viria com a condução destes novos pomares em formas mais baixas, facilitando a poda, a colheita e a aplicação dos tratamentos fitossanitários, verdadeiros pomares--"peões".

Todo este processo terá forçosamente que estar baseado em estruturas de apoio à normalização, acondicionamento e comercialização da cereja, sejam elas cooperativas ou associações de produtores.

1.12. Novos porta-enxertos e cultivares

De entre os porta-enxertos que potencialmente poderão apresentar interesse para a região (cada microzona e tipo de solo exigirá um a ele adaptado), já em experimentação na zona, salientamos (Edin, 1994):

- Maxmal4 Delbard - de características semiananicas, reservado para os solos menos férteis e profundos;
- Tabel-Edabriz, de tendência ananica e como tal bastante exigente nas condições de solo, não admitindo erros técnicos;
- Damil, de todos o mais ananica e assim reservado a solos muito férteis ou onde as técnicas culturais possam suprir eventuais falhas de solo.

Os restantes porta-enxertos, como o F12-1 e o *Prunus avium* silvestre, consideram-se demasiado vigorosos para as novas formas de condução; o Santa Lúcia e o SL64 reservados a solos com elevado teor em calcário activo; e o Colt não apresenta vantagens relativamente aos anteriormente referidos.

Como cultivares a adoptar, para além da 'B. Burlat' já existente e que até ao momento é a mais precoce na maturação; da 'De Saco', regional e de boa adaptação à zona, de boas características organolépticas e de boa resistência ao transporte e medianamente ao rachamento; da 'B. Van', que melhora a sua produção quando enxertada nos novos porta-enxertos ananicas; da 'B. Hedelfingen', já com alguma expressão nos pomares novos e com boas características para a região, poderíamos introduzir uma série de cultivares de maturação escalonada desde a 'B. Burlat' até à 'B. Van' e desta à 'De Saco'. Nesta série incluiríamos de momento, uma cv. 'Marvin' (de maturação quase simultânea com a 'B. Burlat'), a 'Earlylise', a 'Garnet', a 'Early Van Compact', a 'Arcina', a 'Summit', a 'Coralise' e a

'Stark Hardy Giant', até à 'B. Van'; e a 'Lapin's', a 'Sweetheart' mais tardias que a 'De Saco'.

1.13. A forma de condução dos novos pomares

Passando estes pelas ditas formas baixas do pomar--"peão", a forma de condução mais aconselhada é o vaso aberto "multi-branch", que visa essencialmente facilitar a colheita do chão pela fácil empa das pernas (Fig. 3).

Parece-nos que outras formas, como o eixo vertical, levam a problemas de controlo da altura da cerejeira, devido a desequilíbrios fisiológicos, que pretendemos precisamente evitar.

A rega localizada, efectuada segundo as necessidades hídricas calculadas por métodos expeditos, assim como a protecção integrada do pomar, serão outros objectivos visados com esta reconversão.

Pretende-se aumentar a produção unitária, aproximando - a dos valores obtidos noutros países, e diminuir o período de improdutividade do pomar.

A utilização simultânea da poda, da rega, da adubação e de outras correcções do solo baseadas em análises de solo efectuadas com alguma regularidade, associadas a uma protecção integrada do pomar e ao uso das cv.(s) e porta-enxerto(s) melhor adaptados a cada microzona, e com recurso a técnicas expeditas de modelação da floração e maturação, poderá levar num futuro próximo, a que esta região possa ser a primeira, ou das primeiras na Europa, a comercializar a cereja em cada ano frutícola.



Fig. 3 - Aspecto de uma cerejeira conduzida em vaso aberto "multi-branch" (Simard, 19-?)

Esta é a proposta de trabalho para a zona da Cova da Beira. Assim os produtores a consigam "agarrar".

2. Referências bibliográficas

BRETON, S., (1980). *Le Cerisier*. C.T.I.F.L. Paris.
 CARVALHO, M.L.S.M. (1994). Caracterização do pomar de cerejeira na Cova da Beira. Modelação da fenologia da cerejeira (*Prunus avium* L.). *Dissertação*

- para Obtenção do Grau de Mestre. Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa.
- COELHO, A.D. (198). Pomares de cerejeira na Cova da Beira. *Gazeta das Aldeias*. Outubro : 630-36.
- CUXAC, J.P., CUNTY, R., RAVOIRE, L., TABARDON, E., BONNET, L., SAUNIER, C., e TRONEL, R., (1987). *Mission Cerise. Etats-Unis / Canada*. S.I.C.A. Domaine Experimental de la Tapy. Serres.France.
- DELGADO, F., e BRÁS, A.P., (1992). *A Cova da Beira e o mercado nacional e internacional de cereja*. SIMA. Ministério da Agricultura.
- DRABI. (1994). PEDAP-NOVAGRI (FRUTICULTURA). *Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior*. MAP.
- EDIN, M., (1993). Principales aspectos del cultivo del cerezo en Francia. *Fruticultura Profesional*. 58 : 32-35.
- EDIN, M., (1994). Porte-grffe cerise: Tabel-Edabriz; des atouts. *Fruit et Légumes*. 119:34-35.
- ESTEBAN, G.A., (1991). *Manual para la Identificación de Variedades de Cerezo*. Instituto Nacional de Semillas y Plantas de Vivero. Ministerio de Agricultura Pesca y Alimentacion. Madrid.
- FOS, E. (1980). *Accidents et Troubles Physiologiques chez le cerisier*. INRA. Domaine de la Grande Ferrade, France.
- IFADAP (1994). *Relatório de actividades*. Direcção Regional da Beira Interior. Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas. Serviço Regional de Castelo Branco.
- IFADAP (1994). Cerejeira : Custos de instalação de um hectar da cultura. Direcção Regional da Beira Interior. Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas. Serviço Regional de Castelo Branco.
- IMAIA (1993). *Anuário Hortofrutícola 93*. Instituto dos Mercados Agrícolas e da Indústria Agroalimentar. Ministério da Agricultura.
- IQA (1992). *Normas de qualidade .Frutos*. Instituto de Qualidade Alimentar.
- ICHOU, J., EDIN, M., TRONEL, C., e SAUNIER, R. (1990). *Le cerisier. "La cerise de table"*. Centre Technique Interprofissionel des Fruits et Légumes. Montpellier
- LUZ, J.P., (1992). Elementos para a protecção integrada em cerejeira. *Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre*. Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa.
- SARAIVA, I., (1992). *Fruticultura. -Tecnologias competitivas*. Alcobaca.
- SIFEL (1994). Le nouveau verger de cerisier : plus performant. *Fruit et Légumes*. 119: 14.
- SIMARD, V. (19-?). *Cerises rouges : Quoi de neuf? Selection Variétale du Domaine de la Tapy*. Carpentras.
- SIMARD, V., BERGOUIGNOUX, P. e EBERSBACH, E. (s/d). *Quelle taille? Pour quel mode de conduite? Fiche technique du Domaine de la Tapy*. Carpentras.
- SILVA, J.M.M., e MANSINHO, M.I.A., (1990). Quebra da dormência nas fruteiras criófilas. *Sulco*. Outono : 4-5.
- WOHANKA, W., (1985). *Parecer sobre as possíveis causas da morte parcial e total das cerejeiras na região da Cova da Beira, Portugal*. Institut fuer Phytomedizin der Forschungsanstalt Geisenheim (FAG). Bundesrepublik Deutschland.

*Professor-Adjunto de Arboricultura da Escola Superior Agrária de Castelo Branco;

**Técnica da CAP-CIR de Castelo Branco